

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Especialização de Especialização em Língua Portuguesa / PROLEITURA

Nathália Luisa de Souza Henriques

**A CRÔNICA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: análise das
crônicas presentes no livro *Português Linguagens 8º e 9º anos***

Belo Horizonte

2023

Nathália Luísa de Souza Henriques

A CRÔNICA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: análise das crônicas presentes no livro *Português Linguagens 8º e 9º anos*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto - PROLEITURA da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista.
Área de concentração: Análise Linguística.

Orientadora: Prof.^a Leiva Leal de Figueiredo Viana

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA NATHÁLIA LUISA DE SOUZA HENRIQUES

Realizou-se, no dia 08 de agosto de 2023, às 11:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A CRÔNICA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA REALIDADE*, apresentado por NATHÁLIA LUISA DE SOUZA HENRIQUES, número de registro 2022667594, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Prof. Marcelo Chiaretto (UFMG), Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 08 de agosto de 2023.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)

Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula (Mestra)



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 08/08/2023, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 08/08/2023, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Dias Gonçalves Paula, Usuária Externa**, em 08/08/2023, às 21:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2499142** e o código CRC **4570A8F2**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela orientação, sabedoria, força, por me ouvir nos momentos mais desgastantes e por não me deixar desistir.

À minha mãe, que me ensinou a importância do estudo, de batalhar e lutar pelo que quero, pela paciência em todos os momentos de tensão e pelo apoio incondicional durante todo o curso.

A minha filha de quatro patas Luna, que sempre esteve ao meu lado, mesmo quando eu não podia sair para passear com ela, porque tinha que fazer alguma atividade avaliativa ou o trabalho de conclusão do curso. Pela serenidade e o amor dedicados a mim, principalmente nas horas em que me encontrava mais cansada ou perdida. Obrigada, minha filha.

À UFMG, Ao Proleitura, seu coordenador, corpo docente e orientadora pela oportunidade de aprender e ampliar os meus conhecimentos, pela dedicação, atenção, orientação e paciência em todos os momentos, principalmente durante a realização deste projeto. Muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a temática e a abordagem na publicação de crônicas em livros didáticos de Língua Portuguesa do 8º e 9º anos. A literatura é uma arte que tem feito parte da vida das pessoas e possui papéis importantes como o de civilizar, a partir do momento em que o indivíduo passa a compreender o meio, o lugar, a sociedade em que vive. Outra função é a de humanizar, pois quando o homem lê, passa a identificar e entender a comunidade, o corpo social, os seus problemas, seus conflitos e a se colocar no lugar do outro. A crônica é um gênero que apresenta características literárias e jornalísticas, dessa forma, os temas que aborda podem fazer parte da vida das pessoas, do seu cotidiano, assim como situações e momentos que geram uma reflexão ou uma visão diferente, um olhar dramático, romântico ou poético diante do mundo. A pesquisa apontou que autores de livros didáticos selecionam produções literárias para fazerem parte dos livros que organizam para o ensino, não só pelo lugar que determinado artista da crônica ocupa no campo da literatura; mas pela sensibilidade, pelos sentimentos humanos, pela forma com que abordam a generosidade da vida. Os temas levantados revelam que autores de LD são promotores de leitura e de uma visão mais humanizada do mundo.

Palavras-chave: literatura; livro didático; crônica.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the theme and approach to the publication of chronicles in Portuguese language didactic books for 8th and 9th grades. Literature as an art is part of people's lives and has important roles such as civilizing, from the moment the individual begins to understand the environment, the place, the society in which he lives. Another function is to humanize, because when a man reads, he starts to identify and understand the community, the social body, its problems, conflicts and to put himself in the other's place. The chronicle is a genre that presents literary and journalistic characteristics, in this way the themes it addresses can be part of people's lives, their daily routines, as well as situations and moments that generate a reflection or a different vision, a dramatic, romantic or poetic look. The searching shows the Didactic book authors select some literary productions to be worked in the books, which are organize for teaching, not just to the determinated place of chonicle artist occupies in the liteture, but for sensibilitie, for the humam feelings and for the form that abort life generosity, The topics covered shows the LD authors are Reading promoters and show humanized vision of the world.

Keywords: literature; didactic book; chronicle.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Livro Português Linguagens, 8º Ano	22
Quadro 2 – Livro Português Linguagens, 9º Ano	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
IEL	Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INL	Instituto Nacional do Livro
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático).
PLIFED	Programa do livro didático para o Ensino Fundamental
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	11
2.1. Objetivo Geral	11
2.2. Objetivos Específicos	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1. O que é literatura?.....	11
3.2. Qual o valor formativo da literatura?	12
3.3. A Crônica Literária.....	14
3.3.1. <i>Concepção</i>	14
3.4. Breve história do livro didático no Brasil.....	16
4. METODOLOGIA	19
4.1. Os temas das crônicas.....	20
4.1.1. <i>Português Linguagens 8</i>	20
4.1.2. <i>Português Linguagens 9</i>	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26
ANEXOS	28

1. INTRODUÇÃO

O estudo com diversos gêneros discursivos (conto, crônica, poema, carta) ao longo deste curso de Especialização que agora finalizo com esse trabalho, me fez lembrar os anos em que comprava jornais toda semana, para ler as crônicas de Roberto Drummond e, como fã de futebol e torcedora do mesmo time que ele, me deliciava com a leitura de seus textos. Ninguém conseguia traduzir o amor pelo Atlético-MG, suas cores e a vibração de ver o time jogar, como esse grande escritor mineiro. Essa recordação me trouxe boas lembranças e, como não poderia deixar de ser, um sentimento de nostalgia.

Coincidentemente, em uma das escolas onde sou professora de produção de texto, os capítulos iniciais do livro didático adotado na escola, abordavam o gênero crônica. A primeira é muito divertida, aborda um tema irreverente e do interesse de todos: a mania do brasileiro de não cumprir horários e dizer sempre “estou chegando”, mas demorar para comparecer ao compromisso. Pude perceber nos rostos dos alunos uma curiosidade em saber como o texto se desenvolveria e, ao final, passaram a discutir sobre o assunto. No decorrer do capítulo e, no seguinte, há outras crônicas que abordam outros assuntos e que, também, chamaram a atenção dos estudantes.

Os alunos têm pouco contato com a crônica, nas suas leituras cotidianas, a não ser pelo livro didático. Atualmente a maioria lê pouco e os que gostam de livros, buscam outras obras diferentes das indicadas pela escola, compram obras de ficção como trilogias e coleções de aventuras, mistério, terror e romance. Os professores de português e produção de texto, geralmente são responsáveis pela recomendação dos livros paradidáticos nos colégios particulares, enquanto que na escola pública os exemplares adotados são os indicados pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

Durante as aulas pude perceber a dificuldade deles em conseguirem entender o que é a crônica, já que o gênero transita entre a literatura e o jornalismo.

No entanto, depois de discutir as características do texto e os temas abordados, a visão sobre a crônica mudou e eles conseguiram produzir bons textos sobre assuntos relacionados com o cotidiano deles. Infelizmente o tempo é curto, uma aula de 50 minutos por semana para trabalhar os gêneros, passar exercícios, corrigi-los e aplicar prova (inclusive de outras disciplinas), por isso não foi possível apresentar crônicas memoráveis como “Meu ideal seria escrever” de Rubem Braga (1967), “A

última crônica” de Fernando Sabino (2005), “País rico” de Lima Barreto (1920) ou “Ciao” de Carlos Drummond de Andrade (1984). Espero que que consiga um tempo para expor alguns desses textos aos alunos e conquistar novos leitores de crônicas.

O meu papel como professora de produção de texto não é reduzido a apresentar os gêneros, suas características e pedir aos alunos para escreverem textos que os representam, mas discutir a sua utilidade no cotidiano, os temas abordados e fazê-los refletir sobre a escrita, a categoria e a convivência em sociedade. Essas ideias se associam à discussão realizada por Marcelo Chiaretto no artigo *Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão* (2014, p.74) Considerando o contexto escolar, quando um profissional do ensino se propõe a lecionar não simplesmente uma ideia, mas como manipulá-la, ele pode estar civilizando alguém, pode estar tornando um ser mais apto ao trabalho ativo e transformador em uma sociedade civil”. (CHIARETTO, 2014, p.74)

A leitura de diferentes gêneros é importante para a formação do estudante como leitor literário, ajudando-o a ampliar seus conhecimentos, a visão de mundo, da realidade e a se situar como cidadão na sociedade. As obras de ficção apresentam uma gama de enredos, lugares, possibilidades e atua na imaginação do leitor e os textos literários e, os de menor extensão, também podem abordar a realidade, como crônicas, artigos de opinião, reportagens, editoriais e cartas auxiliam na formação do leitor, que passa a conhecer e aprofundar nas informações as situações da sociedade em que vive.

A partir dos diversos textos lidos com os alunos, passei a me perguntar quais seriam os assuntos abordados nas crônicas presentes no livro didático? Como os autores de LD abordam a realidade social? Que temas são escolhidos? As atividades propostas articulam a ficção com a realidade? A partir das escolhas dos textos (crônicas), mesmo que de maneira pouco sistematizada, os produtores de texto possuem uma intenção de induzir o pensamento do aluno, ou seja, que os temas retratados merecem um debate mais atento e uma reflexão. Essas crônicas não se encontram nos livros, apenas como um complemento à leitura, mas com o objetivo claro de colaborar na formação do leitor.

Foram essas perguntas que me levaram a eleger os seguintes objetivos para esse trabalho:

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Analisar a contribuição das leituras de crônicas presentes em LD no processo de formação do leitor literário.

2.2. Objetivos Específicos

- Proporcionar uma análise sobre o lugar que ocupa a crônica literária em obras didáticas de ensino de LP.
- Favorecer trocas dialógicas entre os alunos, de modo a que possam expressar, inferencialmente, valores, atitudes e sentimentos frente aos temas tratados.
- Promover condições para que os alunos compreendam a importância do gênero crônica em sua formação de leitor de literatura.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O que é literatura?

A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. [...] A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana (COUTINHO, 1978, p. 9-10)

A literatura apresenta muitos conceitos; linguistas, pesquisadores e estudiosos a definem de diferentes maneiras como, por exemplo, a arte da palavra, que trabalha com o dramático, o ficcional, o poético e está relacionada à cultura e em suas diversas produções escritas como folclore, lenda, anedotas e formações mais complexas. Em sua formação também está presente o histórico, religioso, social e estético. Para Afrânio Coutinho (1978), o valor da literatura está no estético-literário e no seu propósito de estimular no leitor, de maneira especial, o prazer, que é o sentimento estético.

É a partir da literatura que o homem participa da sociedade, pois ajuda na formação do conhecimento do mundo e no social. Como afirma Antonio Candido em *Direitos humanos e literatura* “*Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação*” (CANDIDO, 1989, p.176).

Quando o homem tem contato com a literatura, ele é transformado no seu interior, pois todas as relações e ações (familiares, grupais, laborais, sociais) são influenciadas pela leitura, sendo ela realista ou não.

Roland Barthes também aborda a importância da literatura na formação do ser, pois ela interpreta a linguagem, não apenas a apresenta, e ajusta o conhecimento. Desta forma, ela lida com a essência, parte importante que deve ser trabalhada na escola.

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, [pág. 17] quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. (BARTHES, Aula, p.9)

3.2. Qual o valor formativo da literatura?

Como abordado anteriormente, a literatura contribui para que o homem participe da sociedade e também se comunique com a sociedade e as outras pessoas. É a partir da leitura que ele adquire conhecimento e saberes novos. Como afirma Coutinho (2008), através dos livros, temos contato com a vida, com suas verdades relativas a todos os homens e lugares. Seu método de ação são as palavras que lemos, interpretamos e as relacionamos com a nossa vida e com a realidade em que vivemos.

O que diferencia os seres humanos dos outros animais é a racionalidade, através da leitura e das palavras o homem se humaniza e se relaciona com o com outras pessoas, com a vida em sua dimensão real. Como afirma Tzvetan Todorov (2009, p. 76), “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos

profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos de outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”.

A literatura é algo indispensável, segundo Candido (1989), dessa maneira, um direito de todos. Ela contribui para a socialização e, em algumas sociedades como a brasileira, é uma ferramenta de instrução e de educação. Alguns valores que são vistos como recomendáveis ou adversos, estão vigentes em diferentes expressões ficcionais, poéticas e dramáticas. Para o sociólogo “*A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas*” (1989, p.177).

Atualmente, vivemos em um mundo dominado pela tecnologia (smartphones, tablets, computadores, smartvts), a maioria dos trabalhos e ações ao longo do dia são realizados por meio de telas (telefonar, enviar mensagens ou arquivos, ler as notícias, acessar o banco, a carteira de trabalho ou marcar uma consulta). A literatura deveria estar presente na vida de todos, mas isso não acontece. Algumas escolas públicas e privadas possuem bibliotecas com livros antigos, edições ultrapassadas e não há um trabalho para levar o aluno a conhecer o espaço ou um projeto para pegar um exemplar para ler. Muitos desses lugares foram fechados para reforma durante a pandemia e não voltaram a funcionar.

Determinadas áreas mais pobres das capitais possuem um espaço para a leitura criados a partir de projetos sociais que recebem doações de livros e divulgam entre a comunidade. Há grandes livrarias nos centros urbanos repletas de livros comerciais, ou seja, aqueles que são indicados em jornais, redes sociais e por influenciadores digitais. Entretanto, em cidades pequenas e pouco desenvolvidas não há um lugar para comprar ou pegar um livro.

Ao mesmo tempo, estamos vivendo uma época de grande desumanização, injustiça, crueldade e desrespeito ao outro, com os animais e com as crenças. Diante disso, a literatura segue almejando entender a prática humana, como afirma Todorov (2009). A obra literária é um artefato criado e possui um enorme poder humanizador.

Assim são importantes a leitura e o estudo da literatura, porque disponibilizam um meio de conservar e disseminar a experiência dos outros, pessoas que estão longe no tempo e no espaço ou que se diferenciam de nós devido às suas condições de vida. Como reitera Antoine Compagnon no artigo *Literatura pra quê? “Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos”* (2012, p. 47). Dessa forma, adquirimos conhecimento sobre

o diferente, o que eu não conhecia ou não entendia e posso mudar minha visão e passar a compreendê-lo.

A literatura apresenta a capacidade de auxiliar na civilização do ser humano, de maneira que, a partir da leitura, o homem se torna mais concentrado no que se refere à importância da coletividade, mais alerta às ocorrências a sua volta e adquire empatia, colocando-se no lugar do outro. Também possui o papel de humanizar, pois o indivíduo procura comprovar a sua humanidade na leitura literária como afirma Marcelo Chiaretto (2014) no artigo *Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão*.

3.3. A Crônica Literária

3.3.1. Concepção

A crônica, como é conhecida hoje, passou por mudanças ao longo de sua trajetória. Ela surgiu durante a Idade Média, como um texto histórico, com conteúdo documental, relatando tudo o que se passava (festas, eventos, batalhas, conquistas) com a realeza, a partir da visão do escritor, no caso o cronista. A partir do ano de 1434, esse redator é oficializado cronista, porque começa a receber pelo seu trabalho, retirando as escrituras do lendário e maravilhoso, e registrando, exclusivamente, os fatos e a sua interpretação.

No Brasil, alguns estudiosos afirmam que a primeira crônica registrada foi a carta de Pero Vaz de Caminha que era escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral e relata ao rei D. Manuel os detalhes da descoberta do Brasil. Flora Christina Bender e Ilka Brunhilde Laurito (1993) afirmam que Caminha utilizou o estilo do Quinhentismo português em sua carta.

A partir do século XIX, a crônica passou a ser publicada em jornais com o nome de folhetim, um espaço no chamado rodapé do jornal, destinado ao entretenimento do leitor e para oferecer-lhe um intervalo das notícias trágicas e custosas, que eram publicadas. Seu conteúdo era variado, tinha temáticas políticas, sociais, artísticas e literárias, desse modo, passou a ser caracterizada pelo vocabulário simples e texto conciso.

Nesse sentido Antonio Candido afirma que:

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro (CANDIDO, 1992, p.15).

Atualmente, a crônica possui como uma de suas características a temporalidade que está relacionada ao seu lugar de veiculação como jornais, revistas, blogs e sites; possui espaço e periodicidade determinados. Os leitores que gostam de ler textos do gênero sabem onde encontrá-lo e o lugar destinado a ele. Outro fator determinante foi a perda do seu caráter documental e a sua migração para a esfera jornalística ou literária.

A crônica é um gênero que transita entre o jornalismo e a literatura. Devido à sua história e popularização através dos jornais, ela passou a ser difundida em outras editorias jornalísticas, assim surgindo a crônica social, policial, esportiva, de moda, entre outras. Deste modo o tempo, situações do cotidiano e a realidade podem auxiliar na sua escrita.

No âmbito literário, a crônica não se caracteriza pela temporalidade, mas pela subjetividade e liberdade do cronista. Como afirmam Bender e Laurito (1993) “A liberdade que goza o cronista acaba permitindo que, às vezes, ele transcenda o meramente fatural e faça um texto de alto teor literário, com as qualidades que se esperam de uma obra prima.”.

Dentro da crônica literária existem diversos textos que recebem subgêneros de acordo com o tema que abordam ou o movimento que fazem parte, como: crônica narrativa (que se aproxima do conto); crônica metafísica (apresenta reflexões muitas vezes filosóficas sobre fatos); crônica-poema em prosa (possui um tema lírico); crônica comentário (fala sobre acontecimentos cotidianos).

A crônica faz parte da literatura brasileira, hoje ela pode ser encontrada em livros ou em jornais, blogs e sites de notícias. Devido ao seu surgimento como folhetim e as transformações que atravessou ao longo dos séculos, a crônica passou a ter como abordagem temas do cotidiano do brasileiro, de maneira bem-humorada e leve. A partir do momento que ela ganhou espaço fixo nos jornais, sua função mudou para levar humor e descontração ao leitor que recebia uma enxurrada de notícias tristes e tensas, naquela época.

Carlos Drummond de Andrade, que escreveu para os jornais “Correio do Amanhã” e “Jornal do Brasil”, de onde reuniu os seus textos e publicou em 1974 o livro “De notícias e não-notícias faz-se a crônica”. As crônicas dessa obra retratam a sociedade brasileira durante os anos de Ditadura Militar.

Muitos escritores que também se aventuraram na crônica (Machado de Assis, Mário de Andrade, Rubem Alves, entre outros), escreviam sobre fatos e situações rotineiras e relacionadas à sociedade. Outros autores produziam textos relacionados aos acontecimentos da época e assim a realidade social brasileira era passada da reportagem para a crônica. Sobre o papel desse gênero, Antonio Candido (1992) afirma “Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia”.

No século XX, se destacam na literatura brasileira as crônicas de Rubem Braga, que publicou seus textos no jornal “Diário da tarde”, recebendo o título de maior cronista de todos os tempos; Fernando Sabino, que se dedicou ao jornalismo e também escreveu crônicas para as revistas mineiras “Alterosas” e “Belo Horizonte”, além de Rubem Alves, teólogo, tradutor, educador, psicanalista e escritor mineiro; Paulo Mendes Campos, jornalista, escritor e poeta que publicou suas primeiras crônicas no “Diário Carioca” e mais tarde lançou o livro “O cego de Ipanema”; João do Rio (cujo nome verdadeiro era João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, jornalista, cronista, contista e teatrólogo que se destacou por ser o criador da crônica social moderna; Luís Fernando Veríssimo, escritor, jornalista, tradutor e roteirista, se destaca pelo humor em suas crônicas. Outros escritores que possuem crônicas famosas e de destaque são Lima Barreto, Cecília Meirelles, Clarice Lispector e Antonio Prata e Heitor Cony.

3.4. Breve história do livro didático no Brasil

O primeiro registro do livro didático no Brasil foi no século XIX, especificamente no início de 1820, quando surgiram as primeiras escolas públicas. Seus frequentadores eram jovens da elite brasileira que utilizavam como material de estudo livros importados da França onde eram apresentadas inspirações nas ideias liberais europeias.

Nessa época o governo inspecionava o que deveria ser ensinado, como afirma Bittencourt (1993, p.17) “o estabelecimento da educação escolar foi planejado e acompanhado pelo poder governamental”. Desta forma foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838 que tinha como função infundir a identidade e o espírito nacionalista brasileiro. Os Manuais Didáticos começaram a ser criados com essa característica e eram escritos pelos principais intelectuais movidos pela difusão da identificação nacional.

A criação dos livros didáticos brasileiros apresenta duas fases: a primeira se caracteriza pela criação de materiais baseados nos exemplares europeus, principalmente franceses e alemães; a segunda etapa, a partir de 1880 a elaboração dos livros se faz a partir das transformações realizadas na sociedade brasileira.

Inicialmente o intuito das obras literárias era dar atenção ao professor, na tentativa de reparar o retardo em relação à sua formação. Em 1827, no governo de Dom Pedro I, surgiu uma das primeiras obras didáticas *Escola brasileira ou instrução útil a todas as classes*, escrita por José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, voltada para os professores de Primeiras Letras (hoje seria o Ensino Fundamental), no qual usava como referência predominante as Sagradas Escrituras. Lisboa queria dissipar a alfabetização, o que ajudaria na civilização, mas ao mesmo tempo controlava o alcance dos livros, pois demonstravam perigo, principalmente se as classes inferiores adquirissem conhecimento, o que seria arriscado para o governo.

No início do século XX, o Livro de Leitura começou a ser considerado um material didático fundamental, qualificado para criar o intelecto dos alunos. Ele tinha como função oferecer informações diversas e estimular o aluno a gostar de ler e proporcionar o seu desenvolvimento moral. A partir de 1930 o país contou com grande impulso para a produção do livro didático nacional. A crise econômica de 29 gerou um aumento no preço da importação dos livros, levando o Brasil à necessidade de produzir o seu material.

Em 1931, Francisco Campos. Ministro da Educação e da Saúde Pública foi o responsável pela preparação de um projeto didático de caráter nacionalista. A partir desse momento, os livros começaram a ser produzidos em larga escala, com autores brasileiros e que seguiam o Programa criado em 1971. Nessa data, o Instituto Nacional do Livro (INL), que tinha a função de administrar e expandir a produção do livro didático no Brasil, criou o Programa do livro didático para o Ensino Fundamental (Plifed). O programa tinha como objetivo o aumento da produção do livro didático e

administrar a sua queda de preço. Com o início da redemocratização, o Plifed foi substituído pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 1985. De acordo com Miranda e Luca (2004, p. 126) “a partir desse momento, progressivamente, foram sendo incluídas no programa as distintas disciplinas componentes do currículo escolar e o programa foi se delineando no sentido de incorporar os professores no processo de escolha dos livros didáticos”.

Atualmente o país produz diferentes livros didáticos, de autores brasileiros e seus conteúdos não são rigidamente ligados aos programas do governo e não contam com a forte fiscalização de seu conteúdo como acontecia no século XIX. As escolas seguem as indicações do PNLD para adotarem as obras em seus segmentos de ensino.

As escolas públicas recebem os livros comprados pelo Governo Federal aprovados no PNLD, o que fez com que o mercado do livro didático ampliasse o seu investimento. É importante destacar que os professores dessas escolas não participam de sua escolha, apenas o recebem para ser trabalho ao longo do ano. Enquanto que, no setor privado, os colégios realizam reuniões de equipes para analisarem as obras e definirem qual está mais adequada ao perfil dos alunos e da instituição. Atualmente, há colégios que não buscam materiais de editoras conceituadas no Brasil como FTD, Moderna e Ática, mas produzem o seu próprio exemplar.

O livro didático se tornou parte de um mercado lucrativo, principalmente para as empresas estrangeiras que compraram editoras brasileiras e investiram na produção dos materiais. Hoje, o livro didático é o principal produto das editoras que possuem como objetivo a sua inserção e venda, a partir principalmente, da indicação no PNLD. Uma estratégia utilizada por essas instituições para aumentarem os seus lucros, é mudarem com certa frequência, a edição da obra, seja trocando imagens, textos ou alterando a diagramação, para que ela não possa ser reutilizada por um longo tempo e o governo e/ou os pais, tenham que adquirir um novo exemplar.

4. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado por meio da estratégia de explicação, ao confrontar e identificar dados sobre o assunto. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, cujo objeto de análise serão as crônicas presentes nos livros didáticos *Português Linguagens 8 e 9* do Ensino Fundamental II, dos autores Carolina Dias Viana e William Cereja (2018). Será uma análise interpretativa, com levantamento de dados a partir da seleção de crônicas presentes nos livros, identificação dos temas nelas abordados, o lugar que este gênero ocupa no livro didático e relacionar as temáticas à formação do leitor literário na escola.

O material escolhido para a análise é um livro didático conhecido nacionalmente por professores de português, voltado para o Ensino Fundamental II (6º a 9º anos) de escolas privadas e públicas, indicado para as disciplinas de Língua Portuguesa e Produção de Texto. Seus autores são profissionais da área, William Cereja, Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutor em Linguística Aplicada pela PUC-SP, Carolina Assis Dias Vianna é Mestre e Doutora em Linguística Aplicada pelo IEL - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

De acordo com as informações presentes no material, este segue as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresenta diversidade de gêneros, textos instigantes ao adolescente e trata do ensino da leitura, da gramática e da produção de forma conectada, em que um se concilia com o outro. Ele é dividido em quatro unidades, com três capítulos cada uma.

A escolha do livro *Português Linguagens* (2018) foi feita porque conheço o material desde a época em que fiz o Estágio Curricular em um colégio que o adotava para o Ensino Fundamental II e Médio, por ser um material conhecido pela sua qualidade e devido ao fato de que no momento é esse livro que uso para ministrar minhas aulas na disciplina de Produção de Texto.

As crônicas publicadas nas duas edições do livro serão apresentadas, analisadas e o objetivo é identificar os temas abordados e de que maneira eles contribuem para a formação dos estudantes como leitores literários. As etapas são: 1º exposição dos textos, 2º definição dos temas e 3º refletir como os textos colaboram na construção do leitor literário.

4.1. Os temas das crônicas

4.1.1. *Português Linguagens 8*

A primeira crônica no livro *Português Linguagens 8*, tem o título de “A pátria de ponteiros”, escrita por Antonio Prata que aborda o fato do brasileiro sempre se atrasar para um compromisso e, quando a pessoa é perguntada em quanto tempo chegará, responde “Tô chegando”, sendo que, na realidade, está longe, às vezes nem saiu de casa ainda. É importante ressaltar que o texto representa uma conversa entre um alemão e um brasileiro, na qual o estrangeiro questiona o seu amigo sobre o significado da expressão “Tô chegando”.

A segunda crônica chamada de “Perdedor, vencedor” foi tirada do livro *Diálogos impossíveis* de Luís Fernando Veríssimo e trata de uma conversa entre dois colegas que praticam tênis e um deles tem inveja de todo o equipamento, uniforme e competência do adversário. É um texto pequeno, que trata das relações humanas a partir da competição no esporte.

Em outro capítulo, a crônica “O menino”, de Chico Anysio retrata de maneira poética e lírica a vida de uma criança que cresceu na periferia, em meio à pobreza, à fome e à precariedade. Mais adiante, outro texto, escrito por Heber Costa, “A menina no sinal”, também aborda uma questão social, uma menina pobre que vende balas no sinal e precisa conviver com os preconceitos e os desprezos dos motoristas e a irritação da própria mãe, que a vigia naquele cenário.

Outro capítulo do livro é iniciado com a crônica “A cara vida moderna” de Walcyr Carrasco, em que, com bom humor, fala sobre a evolução dos aparatos eletrônicos, suas múltiplas funções, de como nos tornamos reféns delas e como viver custa caro. O texto apresenta partes divertidas com exemplos de ações de alguns dos conhecidos do escritor e dele mesmo.

As quatro crônicas presentes no livro abordam, de maneira distinta, seja a partir do humor, da diversão e da ironia, fatos, acontecimentos e situações habituais na vida do brasileiro sobre os quais, geralmente, não paramos para refletir. Por outro lado, apresenta problemas sociais que estão presentes no cotidiano e acabam tornando-se algo comum na rotina das pessoas.

Como a crônica é um gênero que transita entre o jornalismo e a literatura, pode apresentar o papel de denúncia, apresentação, brincadeira e reflexão da realidade.

Como afirma Fernando Candido “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CÂNDIDO,1989, p.177).

4.1.2. *Português Linguagens 9*

No livro *Português Linguagens 9*, a primeira crônica “A crueldade dos jovens”, escrita por Walcyr Carrasco, fala sobre a vontade dos adolescentes de quererem adquirir, a todo momento, bens materiais caros e de marcas famosas, seja porque o colega já tem ou porque está na moda. Ao final das contas, os pais se endividam para atender aos pedidos de seus filhos.

Em outro capítulo, há uma crônica escrita por Fernando Sabino chamada “Psicopata ao volante”, que aborda o tema da inversão de valores a partir de uma situação comum do dia-a-dia. Um guarda de trânsito para o carro de David, constata alguns problemas no veículo que deve ser levado ao depósito e o condutor multado, mas a todo momento o oficial insinua que com uma quantia de dinheiro, tudo pode ser resolvido.

A terceira crônica presente no livro intitulada “Calma, gente” escrita por Ivan Angelo fala sobre a pressa que o mundo tem hoje, as pessoas não esperam por nada, querem tudo naquele instante, os veículos foram se tornando cada vez mais rápidos, a economia, os dias passando rapidamente e a vida também.

O livro do 9º ano apresenta poucas crônicas, mas todas possuem como temas situações e condutas que fazem parte de nossas vidas, de maneira que se não presenciarmos, conhecemos alguém que passou por isso. É possível perceber algumas características do gênero como a temporalidade, a crítica e a reflexão. Elas apresentam um texto mais leve, descontraído, com trechos de humor, mas com a intenção de fazer o leitor pensar sobre o fato abordado.

Os autores são escritores, jornalistas, cronistas e roteiristas que já trabalharam ou seguem escrevendo para revistas ou jornais e alguns deles como Walcyr Carrasco e Antonio Prata possuem experiência com textos para jovens. Prata já colaborou com a Revista Capricho e Carrasco possui livros paradigmáticos de diferentes gêneros, adaptações de obras internacionais famosas e dois volumes exclusivos com crônicas.

Todas as crônicas publicadas no livro didático possuem um exercício de interpretação em que perguntas sobre o tema principal, abordagens secundárias,

linguagem, características do gênero e análise do contexto que devem ser respondidas pelo aluno.

Quadro 1 – Livro Português Linguagens 8

Crônica	Tema	Questões
A pátria de ponteiros	Costumes	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação do texto • Contraste entre as formas de agir do brasileiro e do alemão. • Características do gênero crônica. • Linguagem empregada.
Perdedor, vencedor	Inveja	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo e espaço em que ocorre a conversa. • Como é possível caracterizar cada personagem. • O tipo de discurso usado na crônica.
O menino	Pobreza, problema social	<ul style="list-style-type: none"> • Características do menino, personagem da crônica. • Identificação do menino por meio de outros substantivos. • Interpretação de como a infância do menino é retratada no texto. • O tema do texto e sua função. • A finalidade do texto publicado.
A menina no sinal	Trabalho infantil, desigualdade social	<ul style="list-style-type: none"> • O papel da denúncia social nos dias de hoje. • A caracterização do texto com o uso de imagens poéticas, líricas e a denúncia social. • A produção de uma crônica que faça uma crítica social.
A cara vida moderna	Consumismo	<ul style="list-style-type: none"> • A relação do vocabulário com o contexto. • Levantamento de hipóteses a respeito de situações citadas na crônica. • Promover uma reflexão sobre os preços dos aparelhos celulares atualmente. • Qual a visão do autor do texto a respeito do tema retratado.

Quadro 2 – Livro Português Linguagens 9

Crônica	Tema	Questões
A crueldade dos jovens	Consumismo	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o ponto de vista do autor sobre o assunto da crônica. • Reflexão sobre a relação do tema com o dia a dia. • A opinião do aluno sobre as situações apresentadas no texto. • A relação do título da crônica com o comportamento dos jovens, de acordo com a opinião do aluno.
Psicopata ao volante	Corrupção	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação da crônica e suas características. • Apontar as reações e comportamentos dos personagens ao longo da história. • Explicar a inversão de valores que há na história. • Explicitar a ironia no título do texto. • Indicar o tema do texto.
Calma gente	Comportamento	<ul style="list-style-type: none"> • Aclarar alguns vocábulos ao longo texto. • Análise das situações apresentadas na crônica. • Diagnosticar as intenções do autor ao escrever o texto. • Interpretar o título do texto.

As perguntas apresentadas no livro abordam a interpretação das crônicas por meio de questionamentos sobre o vocabulário do texto, situações descritas e a relação entre a publicação e o título. Outras questões estão direcionadas à análise e reflexão do aluno, de maneira que ele possa associar o tema da crônica com a sua realidade, o seu cotidiano. Dessa maneira, o estudante que não conseguia visualizar essa conexão, é instigado a conquistá-la. Um terceiro tipo de interpelação é direcionada às características do gênero crônica.

Nos dois livros analisados, as crônicas apresentam assuntos de diversas vertentes como comportamentos dos jovens, a influência da tecnologia, o modo de vida atual e problemas e denúncias sociais. Alguns textos foram escritos há menos de 10 anos e outros são mais antigos. Isso mostra que determinados assuntos não mudam com o tempo, seguem fazendo parte do cotidiano do brasileiro.

A partir da análise das crônicas nos livros didáticos foi possível identificar que elas possuem o papel de exemplificar o gênero para estudo específico de suas características como no trabalho de Produção de Texto e também para discutir e interpretar com os alunos (jovens) assuntos que fazem parte da convivência em sociedade, entre os jovens e ampliar o seu conhecimento.

Um terceiro objetivo deste trabalho é investigar como o estudo com crônicas auxilia na ampliação de conhecimento e colabora com a formação do jovem como leitor literário. Elas apresentam aos jovens temáticas distintas como consumismo, inveja, corrupção e também fazem denúncias sociais mostrando que por mais que os adolescentes vivam em condições diferentes e tenham tudo o que precisam para crescerem e se desenvolverem física e mentalmente, a maioria das crianças e jovens do país não têm a mesma oportunidade. Neste momento percebemos o papel da literatura que mostra a realidade e auxilia na formação do homem. Como Antonio Candido afirma no artigo *O direito à literatura* (1989) “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (p. 177).

Outra função da literatura e especificamente da crônica, muitas vezes é fazer o leitor refletir e essa foi a intenção dos autores ao publicarem três textos de temáticas distintas, mas com o mesmo objetivo. Em “A pátria de ponteiros” de Antonio Prata (2014), a crônica *Perdedor, vencedor* de Fernando Veríssimo (2012) e em *A cara vida moderna* Walcyr Carrasco (2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho para a conclusão do curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto, teve como ponto de partida a indagação a respeito dos temas abordados e as intenções dos autores do livro didático *Português Linguagens 8 e 9* ao publicarem crônicas no decorrer dos capítulos. Curiosidade que surgiu a partir do trabalho com o material em sala de aula, em um colégio privado de Belo Horizonte.

A partir de teorias e análises sobre o que é literatura, como ela é importante na vida do ser humano, de maneira que constitui e auxilia o homem na sociedade, foi possível perceber o quanto o gênero aqui escolhido crônica, faz parte dessa composição e ampliação de conhecimento do leitor. Por meio de várias perguntas

sobre as situações apresentadas nos textos e a opinião dos estudantes, eles são instigados a refletirem e interligarem o tema tratado com a realidade que os cerca. Mesmo o jovem que anteriormente não conseguia ver essa ligação, depois de responder aos exercícios, muda a sua forma de pensar e contemplar aquele assunto. Esse é um dos compromissos da literatura com o leitor.

Dessa forma, o estudo realizado mostrou que a literatura continua tendo o papel humanizador e de construção do ser. Todas as crônicas publicadas nos livros *Português Linguagens 8 e 9*, apresentam a realidade social, política, econômica e comportamental do Brasil. A partir de diferentes assuntos, os autores William Cereja e Carolina Dias Vianna pretendem criar um leitor literário crítico, capaz de ler, interpretar, relacionar e questionar o texto como seu meio social. Como afirma Marcelo Chiaretto no artigo *Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão* (2014) “(...) a leitura literária humaniza no momento em que satisfaz no leitor a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-o assim a tomar posição em face deles” (p. 76).

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI JR, Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. **Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.
- BARTHES, Roland. Aula. S. Paulo, Cultrix, 1977.
- BECKER, Caroline Valada. **A crônica e suas molduras, um estudo genológico**. Revista Estação Literária, Londrina, Volume 11, p. 10-26, 2013. Disponível em: Acesso: 28 de março de 2021.
- BENDER Flora e LAURITO Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1993.
- CÂNDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. R. (org). **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Português: linguagens, 8º ano: Língua Portuguesa**. 9. Ed. São Paulo: Atual, 2018. p.
- CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Português: linguagens, 9º ano: Língua Portuguesa**. 9. Ed. São Paulo: Atual, 2018.
- CHARTIER, Anne-Marie. Que leitores queremos formar com a literatura infantojuvenil. In: **Leituras literárias: discursos transitivos**. Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Zélia Versiani (organizadoras). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.
- CHIARETTO, Marcelo. **Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão**. Universidade Federal de Minas Gerais. IV SILID III SIMAR 2013. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/23457/23457.PDFXXvmi=>> Acesso em: 09 jul. 2022.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012
- COUTINHO, Afrânio. Que é literatura e como ensiná-la. In: _____. **Notas de teoria literária**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 8-15.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FREISLEBEN, Paulo A.; KAERCHER, André N. **O PNLD e o mercado de livros didáticos no Brasil**. Revista Ciência Geográfica, v. 26, n. 01, 2022, p. 391–404.

Disponível em: <https://doi.org/10.18817/26755122.26.01.2022.2894>. Acesso em: 25 de junho de 2023.

MARINS, Ilda e WITTKE, Cleide. **Gênero textual crônica como (mega)instrumento para desenvolver a capacidade de escrita do aluno**. 2020 Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/DDL/article/view/2701/2433> Acesso em: Março de 2021.

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tania Regina de. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD**. Revista Brasileira de História, v. 24, n. 48, dez. de 2004, p. 123-144.

PAULINO, Graça. **Das Leituras ao Letramento Literário**. Belo Horizonte: FaE; UFMG. Pelotas: EDGUFPEl, 2010

PEREZ, Luana Castro Alves. **Ciao: a última crônica de Carlos Drummond de Andrade**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/ciao-ultima-cronica-carlos-drummond-andrade.htm>. Acesso em 06 de junho de 2023.

SILVA, Marco Antônio. **A fetichização do livro didático**. Educação e Realidade, v. 37, n. 3, set./dez. de 2012, p. 803-821.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. MEIRA, Caio (Tradutor). Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZACHEU, Aline Aparecida Pereira; CASTRO, Laura Laís de Oliveira. **Dos tempos imperiais ao PNLD: A problemática do livro didático no Brasil**. Jornada do núcleo de ensino de Marília, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/dos-tempos-imperiais-ao-pnld-a-problematICA1.pdf> . Acesso em: 3 de junho de 2023.

ANEXOS

Capa do Livro *Português Linguagens 8*



Crônica 1: A pátria de ponteiros

Capítulo

1

“Tô chegando!”

Você já tentou definir o que é ser brasileiro? Será que basta ter Brasil na certidão de nascimento? Será que basta falar português? É estado de espírito ou um conjunto de hábitos e crenças?



A pátria de ponteiros

Numa demonstração de abertura e inequívoca coragem, Fritz me fez uma feijoada. Eu comentei que, aparentemente, ele não estava tendo dificuldades de adaptação. O alemão disse que não. Por conta do seu trabalho — instala e conserta máquinas de tomografia computadorizada —, ele via o mundo todo. A única coisa que lhe incomodava, no Brasil, era o atraso. Quando as pessoas chegavam aos encontros. O problema era o mesmo: o atraso, confessou, do que nossa dificuldade em admiti-lo: “O problema é a mensagem, diz ‘tô chegando!’, eu levanto do minha cadeirra e olho porrrta da restaurrrante, mas pessoa chega só quarrrrenta minutos depois. Então me fez a pergunta que só poderia vir de um compatriota de E. Kant: “Quando a brrrsileirrrro diz ‘tô chegando!’, em quanto tempo o brrrsileirrrro chega?”.

Pensei em mentir, em dizer que uns atrasam, mas outros apressam rapidinho. Achei, porém, que em nome de nossa dignidade — ali, na mesa, eu era a “pátria de ponteiros” — o melhor seria falar a verdade: “Fritz, é assim: quando o brasileiro diz ‘tô chegando!’ é porque, na verdade, ele tá saindo”. Tentei atenuar o assombro do alemão: veja, não é uma simples mentira, afinal, ao pôr o pé pra fora de casa dá-se início ao processo de chegada, assim como ao sair do útero se começa a caminhar para a cova. É só uma questão de perspectiva.

“Mas e quando o brasileiro diz ‘tô saindo!’?”
Expliquei que as declarações do brasileiro, quando tange ao atraso, estão sempre uma etapa à frente da realidade — são uma manifestação do seu desejo. Se a pessoa diz que está chegando, é porque tá saindo, e se diz que tá saindo, é porque ainda precisa tomar banho, tirar a roupa da máquina e botar comida pro cachorro.

Fritz ficou pensativo. Uma morena entrou no bar e percebi certa reverboração nos



Crônica 1: A pátria de ponteiros (Continuação)

harmônios teutões. Era a chance de mudar de assunto, mas eu havia sido mordido pela mosca da sinceridade e resolvi ir até o fim: revelei que, além do “tô chegando!” e do “tô saindo!”, ele teria de aprender a lidar com “chego em 15!” e “cinco minutinhos!”.

“Chego em 15!” é sinônimo de “tô chegando!”: quer dizer que o patricio está saindo. Quinze minutos é o tempo mágico que o brasileiro acredita gastar em qualquer percurso — a despeito da experiência, da Sulamérica trânsito e do Waze. Da Mooca pra USP? “Chego em 15!” De Santo Amaro pra Cantareira? “Quinze!” Mais uma vez, não é propriamente mentira. Se pegássemos todos os faróis abertos e todos os carros saíssem da nossa frente, em tese, vai que...?

Já o “cinco minutinhos!” é um pouco mais vago. Pode significar tanto que o brasileiro está a cem metros do destino quanto a 27 quilômetros. Às vezes, cinco minutinhos demoram muito mais do que quinze, mais do que uma hora: há casos, até, menos raros do que se imagina, em que a pessoa a cinco minutinhos jamais aparece.

Fritz ficou olhando o chope, contemplativo, imaginando, talvez, na espuma branca, a tomografia multicolor desses cérebros tropicais. Senti que, agora sim, era o momento de mudar de assunto, de mostrar ressonâncias, digamos, mais magnéticas do nosso país. Chamei o garçom. “Chefe, a gente pediu uma feijoada, já faz um tempinho...” “Tá chegando, amigo, tá chegando!”

(Antonio Prata. *Folha de S. Paulo*,
23/2/2014.)

Emanuel Kant (1724-1804): filósofo alemão, autor de *A crítica da razão pura*. Suas ideias são a base da filosofia alemã moderna. Participou do movimento iluminista na Europa, que via a razão como meio de o homem se libertar da ignorância e de compreender e dominar o mundo. Nas biografias de Kant, costuma ser destacado um traço curioso do comportamento do filósofo: a pontualidade.



Guilherme Franco/Aquivo da editora

Crônica 2: Perdedor, vencedor

Saber lidar com o arranjo de vozes é essencial em qualquer texto, seja um resumo, seja uma resenha, seja uma notícia, seja uma crônica, entre outros. Isso porque, para construir os sentidos dos textos, o leitor ou ouvinte precisa compreender as origens das informações e dos dados que lhe são apresentados.

Em um texto narrativo ficcional, por exemplo, o arranjo das vozes do narrador e das personagens — tanto na forma de discurso direto quanto na de discurso indireto — é importante para que ele tenha maior vivacidade, dinamismo ou síntese, dependendo dos interesses do autor.

Neste capítulo, você vai aprender de modo mais aprofundado como utilizar o discurso direto e o discurso indireto.

Leia a crônica a seguir, do escritor Luis Fernando Verissimo.

Perdedor, vencedor

O perdedor cumprimentou o vencedor. Apertaram-se as mãos por cima da rede. Depois foram para o vestiário, lado a lado. No vestiário, enquanto tiravam a roupa, o perdedor apontou para a raquete do outro e comentou, sorrindo:

— Também, com essa raquete...

Era uma raquete importada, último tipo. Muito melhor do que a do perdedor. O vencedor também sorriu, mas não disse nada. Começou a descalçar os tênis. O perdedor comentou, ainda sorrindo:

— Também, com esses tênis...

O vencedor quieto. Também sorrindo. Os dois ficaram nus e entraram no chuveiro. O perdedor examinou o vencedor e comentou:

— Também, com esse físico...

O vencedor perdeu a paciência.

— Olha aqui — disse. — Você poderia ter um físico igual ao meu, se se cuidasse. Se perdesse essa barriga. Você tem dinheiro, senão não seria sócio deste clube. Pode comprar uma raquete igual à minha e tênis melhores do que os meus. Mas sabe de uma coisa? Não é equipamento que ganha jogo. É a pessoa. É a aplicação, a vontade de vencer, a atitude. E você não tem uma atitude de vencedor. Prefere atribuir sua derrota à minha raquete, aos meus tênis, ao meu físico, a tudo menos a você mesmo. Se parasse de admirar tudo que é meu e mudasse de atitude, você também poderia ser um vencedor, apesar dessa barriga.

O perdedor ficou em silêncio por alguns segundos, depois disse:

— Também, com essa linha de raciocínio...

(*Diálogos impossíveis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 109-110.)



Thais Circe/Arquivo de editora

Crônica 3: *O menino*

Capítulo

2

Infância perdida

Uma criança vai para a escola, descalça. Outra criança vende balas no semáforo de uma cidade grande. Outra acorda às 4 h da madrugada para trabalhar na lavoura. Outra, jogando bola no campinho, sonha ser jogador de futebol. O que é ser criança no nosso país?

O menino

Vou fazer um apelo. É o caso de um menino desaparecido.

Ele tem 11 anos, mas parece menos; pesa 30 quilos, mas parece menos; é brasileiro, mas parece menos.

É um menino normal, ou seja: subnutrido, desses milhares de meninos que não pediram pra nascer; ao contrário: nasceram pra pedir.

Calado demais pra sua idade, sofrido demais pra sua idade, com idade demais pra sua idade. É, como a maioria, um desses meninos de 11 anos que ainda não tiveram infância.

Parece ser menor carente, mas, se é, não sabe disso. Nunca esteve na Febem, portanto, não teve tempo de aprender a ser criança-problema. Anda descalço por amor à bola.

Suas roupas são de segunda mão, seus livros são de segunda mão e tem a desconfiança de que a sua própria história alguém já viveu antes.



Crônica 3: *O menino* (continuação)

Do amor não correspondido pela professora, descobriu que viver dói. Viveu cada verso de “Romeu e Julieta”, sem nunca ter lido a história.

Foi Dom Quixote sem precisar de Cervantes e sabe, por intuição, que o mundo pode ser um inferno ou uma badalação, dependendo se ele é visto pelo Nelson Rodrigues ou pelo Gilberto Braga.

De seu, tinha uma árvore, um estilingue zero quilômetro e um pássaro preto que cantava no dedo e dormia em seu quarto.

Tímido até a ousadia, seus silêncios gritavam nos cantos da casa e seus prantos eram goteiras no telhado de sua alma.

Trajava, na ocasião em que desapareceu, uns olhos pretos muito assustados e eu não digo isso pra ser original: é que a primeira coisa que chama a atenção no menino são os grandes olhos, desproporcionais ao tamanho do rosto.

Mas usava calças curtas de caroá, suspensórios de elástico, camisa branca e um estranho boné que, embora seguro pelas orelhas, teimava em tombar pro nariz.

Foi visto pela última vez com uma pipa na mão, mas é de todo improvável que a pipa o tenha empinado. Se bem que, sonhador do jeito que ele é, não duvido nada.

Sequestrado, não foi, porque é um menino que nasceu sem resgate.

Como vocês veem, é um menino comum, desses que desaparecem às dezenas todos os dias.

Mas se alguém souber de alguma notícia, me procure, por favor, porque... ou eu encontro de novo esse menino que um dia eu fui, ou eu não sei o que vai ser de mim.

(Chico Anysio. Disponível em: <http://oglobo/globo/cultura/um-autoretratoinedito-de-chico-anysio-4428439>. Acesso em: 27/6/2014.)

caroá: tecido rústico.

Dom Quixote: personagem da obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes, caracterizada como sonhadora e delirante.

Febem: sigla de Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor; hoje, Fundação Casa (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente).

Gilberto Braga: autor de telenovelas brasileiro.

Nelson Rodrigues: escritor e dramaturgo brasileiro.

Romeu e Julieta: peça teatral de William Shakespeare em que dois adolescentes são impedidos de viver o amor em razão da inimizade entre suas famílias.



Gustavo Ramos/Arquivo da editora

Capítulo 2 - UNIDADE II

37

Crônica 4: A menina no Sinal

Produção de texto

A crônica (II)

Assuntos do cotidiano podem ser o ponto de partida para a produção de uma crônica. Escrito na forma de um texto narrativo curto e leve, esse gênero tem por objetivo, conforme vimos no capítulo anterior, divertir o leitor, sensibilizá-lo ou levá-lo a refletir criticamente sobre a vida, a sociedade e os comportamentos humanos.

Agora é a sua vez de produzir uma crônica. Escolha uma das propostas a seguir e desenvolva-a. Seu texto será depois publicado na revista de crônicas e poemas da classe que será produzida no capítulo **Intervalo**.

- 1 A crônica de Chico Anysio que você leu no início do capítulo começa de maneira parecida com anúncios de busca de pessoas desaparecidas e no seu desenvolvimento faz uso de imagens poéticas e líricas, entremeadas com uma denúncia social. Um dos trechos em que há o emprego de imagens inusitadas, belas e líricas para caracterizar o menino como sonhador é este:

“Foi visto pela última vez com uma pipa na mão, mas é de todo improvável que a pipa o tenha empinado. Se bem que, sonhador do jeito que ele é, não duvido nada.”

Embora a imagem do menino empinado por uma pipa não represente uma possibilidade real, é impossível não a imaginar ao ler o trecho.

Leia, a seguir, outra crônica que também mistura lirismo e crítica social.

A menina no sinal

Uma menininha no sinal. Os cabelos crispados crescendo eletricamente começam num castanho imaculado e terminam em pontas de cores corrompidas pelo esmaecimento do sol a sol. A alguns metros, com um olhar tirânico destrocado pela vida, resta sentada à sombra sua imagem futura, aquela que a pariu no passado e agora vigia o seu presente.

Seu destino é regido por uma lógica distinta das associações comuns: o verde significa espera, e o vermelho é a cor da esperança. Vermelho! Corpo magrinho, ela perambula entre os veículos com uma caixa de mentos. A menininha fede. Olhares jogam contra ela um desprezo desinfetante. Verde! Brincadeira involuntária de estátua na beira da calçada. A carinha tem vestígios da sopa aguada de ontem que as moscas disputam sofregamente. Olha para si. A camiseta-pano-de-chão sobra na sua silhueta: é o mais próximo que ela vai chegar de um vestido.



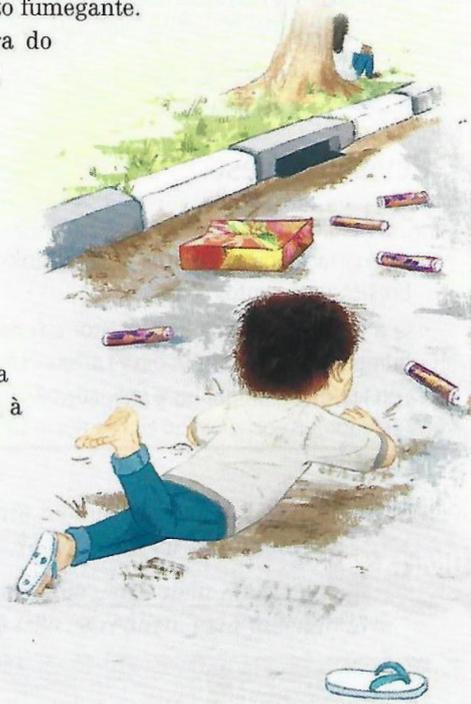
Crônica 4: A menina no Sinal (continuação)

Mas ela não pensa nisso. Puxando pelos lados, faz uma saia de pastoril. Seu corpo gira, pezinhos espalmados no chão. [...] Fecha os olhos sob um sol de holofote e deixa-se rodopiar ao som bruto dos carros que passam. Vermelho! A entidade que se denomina mãe, embora quase imaterna, solta um grunhido. No susto, ela corre de volta para os carros, ofertando seu precário futuro aos condutores que a ignoram. Uma vez perdida, alguém sorri para ela e lhe estende uma moeda. A menina gosta das prateadas mais do que das douradas, embora saiba que estas compram mais. Seu meio-sorriso denuncia a satisfação que escapa por entre os poucos dentes. Verde! A mão lhe toma a moeda, mas ela não fica mais triste como antes. [...] Vermelho! Corre por entre os carros saltitando para não queimar os pés no asfalto fumegante.

Ela sabe que é quase hora do almoço pela quentura do chão. Viu um pão na sacola verde... será para ela? [...]

Ela corre — tropeça e derruba na lama preta a mercadoria... o papel da embalagem encharca rápido, ficando negro como o medo que lhe percorre a espinha. Enfia a mão na sarjeta, no desespero de não perder nada, e vai jogando o lodo mentolado na camisa que segura à guisa de bolso. Levanta e vai na direção da mãe com a resignação dos condenados. Antes que diga qualquer palavra, leva dois tapas firmes na cara engatados com meia-dúzia de palavrões. Mas uma coisa mais dolorosa lhe vem à mente: não vai ter almoço hoje. O formigamento do rosto faz com que ela nem sinta as lágrimas descendo sem freios. Verde! Os carros começam a passar em velocidade. A menina corre mais uma última vez e joga-se na frente. Não, não foi isso que aconteceu. Vermelho! Ela pega as balinhas que conseguiu salvar, limpa com a camisa, coloca na caixa e, de novo, vai oferecer ao desprezo.

(Heber Costa. Disponível em: <http://manualdeastronomia.blogspot.com.br/2011/04/menina-no-sinal.html?m=1>. Acesso em: 10/4/2018.)



Gustavo Graziarin/Arquivo de Editora

Tendo como inspiração as crônicas “O menino” e “A menina do farol”, escolha um problema social que diga respeito a você, a seu bairro, a sua cidade ou a seu país e escreva uma crônica que faça uma crítica social e, ao mesmo tempo, contenha imagens líricas.

- 2 Lembre-se de uma situação corriqueira que você tenha presenciado ou vivido ou tenha visto no noticiário. Por exemplo: um almoço familiar que acabou de maneira inesperada, uma manifestação de trabalhadores, um morador de rua caminhando sozinho pelas ruas, um momento constrangedor dentro de um elevador, uma criança que faz malabarismo em um semáforo em troca de moedas, idosos conversando ou jogando xadrez numa praça, pais desesperados em busca de uma criança que se perdeu, etc. Com base nela, escreva uma crônica e tente trazer uma crítica social ou levar o leitor a uma reflexão sobre o comportamento humano, incluindo humor, se possível.

Crônica 5: A cara vida moderna

Capítulo

3

O imprescindível inútil

O mundo do consumo é insaciável. A todo momento, estamos assistindo ao lançamento de novos modelos de games, celular e computador dotados de mais definição, mais memória, mais pixels e mais velocidade. Precisamos mesmo estar conectados o tempo todo e ter equipamentos da última geração?

A cara vida moderna

Meu primeiro celular parecia um tijolo. Difícil de carregar. Pior ainda de funcionar. A linha vivia com sinal de ocupado. Mesmo assim era um luxo. Lembro quando liguei pela primeira vez para minha amiga Vera:

— Estou em Brasília, no meu celular — contei.

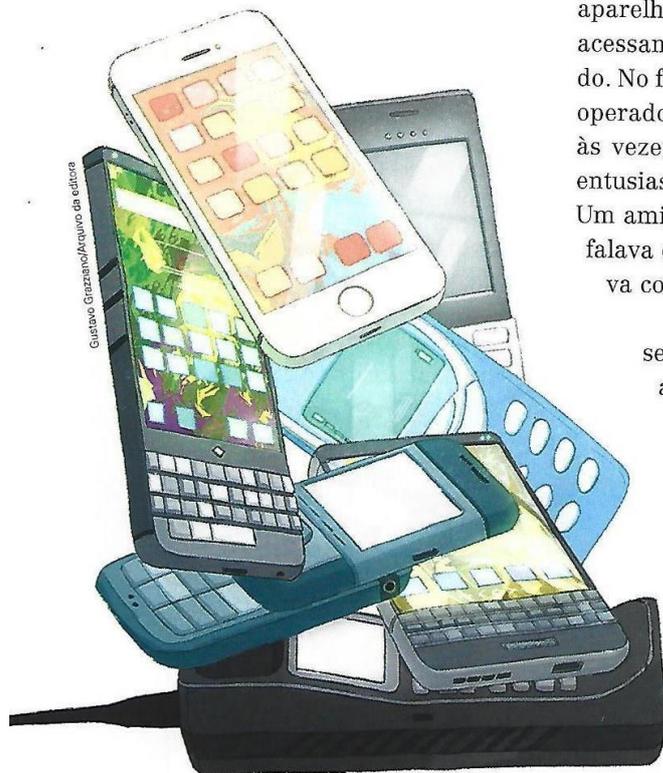
— Também quero um! — ela gritou, entusiasmada.

De novidade, tornou-se essencial. Agora esses aparelhos são mínimos, fotografam, tocam músicas e acessam a internet. Viver sem um é estar desconectado. No fim do mês vem a conta. Sempre me assusto! As operadoras oferecem pacotes. E de pacote em pacote às vezes eu me sinto embrulhado! Compro por puro entusiasmo uma série de serviços que não uso depois. Um amigo meu tem três celulares. Durante um jantar falava em todos ao mesmo tempo, enquanto eu tentava conversar. Imagino a conta!

A cada dia inventam algo que imediatamente se torna indispensável. Impossível encontrar um adolescente que não sinta necessidade de um laptop. Se não tem, voa para uma *lan house*. A internet ficou tão importante quanto as calças que estou vestindo. O laptop de um jovem ator quebrou às vésperas de ele sair em turnê pelo país com um espetáculo. Está desesperado.

— Vou perder meu contato com o mundo!

É verdade! E-mails, redes de relacionamento e blogs são vitais para boa parte das pessoas. Tudo isso custa: o orçamento cresce em eletricidade, conexões de banda larga e equipamentos — os avanços



Crônica 5: A cara vida moderna (continuação)

são rápidos, é preciso renovar sempre. Falando em avanços: um amigo formou uma excelente coleção de clássicos de cinema em vídeo. Jogou fora e iniciou outra ao surgir o DVD. Agora veio o Blu-ray. O coitado quase explodiu de tão estressado! Mas é impossível permanecer com o equipamento antigo. Em pouco tempo some das lojas. Toca comprar tudo de novo!

A TV por assinatura tornou-se um sonho de consumo. E os televisores em si? Todo dia fico sabendo de uma tela maior, mais fina e com melhor imagem. Sem falar nos eletrodomésticos, mais e mais sofisticados. Quando comprei o meu primeiro *freezer*, há muito tempo, um amigo riu:

— Para que uma coisa dessas?

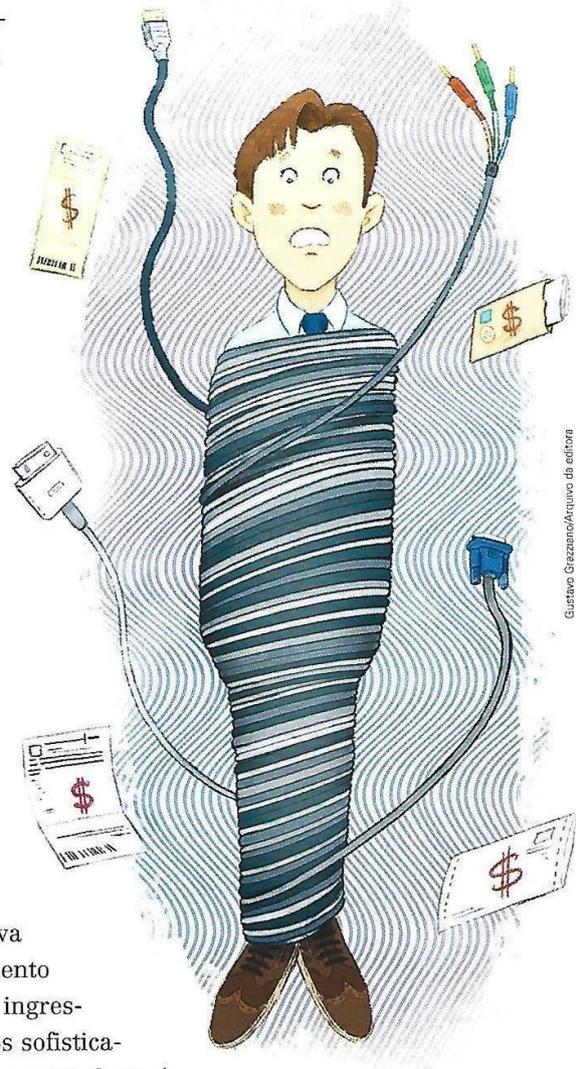
Hoje ninguém dispensa um *freezer*. Qualquer item da vida pode se sofisticar: faz-se café expresso em casa, sorvete, iogurte e até pão. Ninguém tem tudo, é fato. Mas todo mundo tenta ter algum novo e fantástico produto!

Passada a garantia, é difícil consertar qualquer aparelho. O preço raramente compensa. E logo quebra de novo, mesmo porque muitos técnicos de antigamente perderam o pé nos digitais!

Viver ficou muito mais caro. Antes eu parava o carro na rua, agora é Zona Azul ou estacionamento particular; os cinemas aumentaram o valor dos ingressos porque investem em tecnologia; cabeleireiros sofisticaram os produtos; banho em cachorro é melhor no pet shop; é essencial um cartão de crédito, mas vem a anuidade. Além de um bom plano de saúde, é ideal também um de aposentadoria. Tenho certeza: daqui a pouco descobrirei algo absolutamente essencial de cuja existência até agora não tinha o menor conhecimento!

Mas os salários não subiram na mesma proporção. No passado era mais fácil cortar gastos. Agora, não. Muitas despesas não podem mais sair do orçamento. Contatos profissionais, bancários e muitos serviços públicos acontecem através de celulares e da internet. Já conheci gente com falta de dinheiro para comer, mas sem poder abdicar do celular!

(Walcyr Carrasco. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/a-cara-vida-moderna>. Acesso em: 17/4/2014.)



Gustavo Graziano/Arquivo da editora

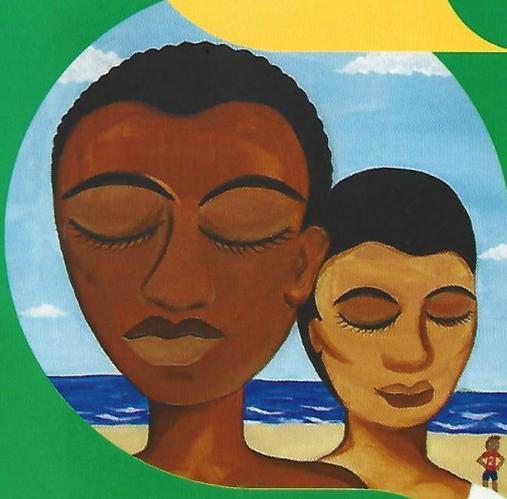
abdicar: renunciar;
abrir mão.

Capa do Livro *Português Linguagens 9*

William Cereja • Carolina Dias Vianna

PORTUGUÊS
Linguagens

9



DE ACORDO COM A
BNCC

LIVRO PARA ANÁLISE
DO PROFESSOR
• VENDA PROIBIDA •
ABRELIVROS
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE EDITORES DE LIVROS

 **Atual**
Editora

plurall

Crônica 6: A crueldade dos jovens

Capítulo

3

O jovem e o consumo

*Aquela adolescente adoraria ter uma bolsinha da moda...
O rapaz adoraria ter uma camiseta e uma bermuda descoladas, que viu no shopping. A turma toda está usando roupas de marca...
Mas o que fazer se o dinheiro mal dá pro cinema?*

A crueldade dos jovens

Conheci uma mulher cujo filho de 14 anos queria um par de tênis de marca. Separada, ganhava pouquíssimo como vendedora. Dia e noite o garoto a atormentava com a exigência. Acrescentou mais horas à sua carga horária para comprar os tênis. Exausta, ela presenteou o filho. Ganhou um beijo e outro pedido: agora ele queria uma camiseta 'da hora'. E dali a alguns dias a mãe estava abrindo um crediário! Já conheci um número incrível de adolescentes que estabelecem um verdadeiro cerco em torno dos pais para conquistar algum objeto de consumo. Uma garota quase enlouqueceu a mãe por causa de um celular cor-de-rosa. Um rapaz queria um MP3. Novidades são lançadas a cada dia e os pedidos renascem com a mesma velocidade. Pais e mães com frequência não conseguem resistir. Em parte, por desejarem contemplar o sorriso no rosto dos filhos.

Uma senhora sempre diz:

— Quero que minha menina tenha o que eu não tive.

Pode ser. Mas isso não significa satisfazer todas as vontades! Muita gente é praticamente chantageada pelos filhos. A crueldade de um adolescente pode ser tremenda quando se trata de conseguir alguma coisa.

Uma vez ouvi uma jovem gritar para o pai:

— Você é um fracassado!

Já conheci uma garota cujo pai se endividou porque ela insistiu em ir à Disney. Os juros rolaram e, dois anos depois, ele vendeu a casa para comprar outra menor e quitar o empréstimo. Outro economizou centavos porque a menina quis fazer plástica. Conselhos não adiantaram:



220

UNIDADE 3 - Capítulo 3

Crônica 6: A crueldade dos jovens (continuação)

— Você é muito nova para colocar implante de silicone.

Ficava uma fúria. Queria ser atriz e, segundo afirmava, não teria chance alguma sem a intervenção. (Não conseguiu. Hoje trabalha como vendedora em uma loja.)

Procedimentos estéticos, como clareamento de dentes, spas e, claro, plásticas, são muito pedidos, ao lado de roupas de grife, excursões, joias, celulares e todo tipo de eletrônico. É óbvio que o jovem tem o direito de pedir. O que me assusta é a absoluta falta de freio, a insistência e a total incompreensão diante das dificuldades financeiras da família. Recentemente, assisti a uma situação muito difícil. Mãe solteira, uma doméstica conseguiu juntar, ao longo dos anos, o suficiente para comprar uma quitinete no centro de São Paulo.

— Vou sair do aluguel! — comemorou.

A filha, 16 anos, no 2º grau, recusou-se:

— Quero um quarto só para mim!

Não houve quem a convencesse. A mãe não conseguiu enfrentar a situação. Continuam no aluguel. O valor dos apartamentos subiu e agora o que ela tem não é suficiente para comprar mais nada.

Muitas vezes, os filhos da classe média estudam em colégio particular ao lado de herdeiros de grandes fortunas. Passam a desejar os relógios, as roupas, o modo de vida dos amigos milionários.

— De repente a minha filha quer tudo o que os coleguinhas têm! Até bolsa de grife.

Uma coisa é certa: algumas equiparações são impossíveis. A única solução é a sinceridade. E deixar claro que ninguém é melhor por ter mais grana, o celular de último tipo, o último lançamento no mundo da informática. Pode ser doloroso no início. Também é importante não criar uma pessoa invejosa, que sofre por não ter o que os outros têm. Mas uma família pode se desestabilizar quando os pais se tornam reféns do pequeno tirano. A única saída para certas situações é o afeto. E, quando o adolescente está se transformando em uma fera, talvez seja a hora de mostrar que nenhum objeto de consumo substitui uma conversa olho no olho e um abraço amoroso.

(Walcyr Carrasco. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/a-crueldade-dos-jovens>. Acesso em: 5/7/2018.)



Crônica 7: Psicopata ao volante

Capítulo

2

“Mais louco é quem me diz...”

Quando todos passam a se comportar de uma mesma forma, esse comportamento é tido como um novo padrão e começa a ser considerado normal. Mas o que fazer quando esse comportamento é imoral e deveria ser considerado anormal?

Psicopata ao volante

David passava de carro às onze horas de certa noite de sábado por uma rua de Botafogo, quando um guarda o fez parar:

— Seus documentos, por favor.

Os documentos estavam em ordem, mas o carro não estava: tinha um dos faróis queimado.

— Vou ter de multar — advertiu o guarda.

— Está bem — respondeu David, conformado.

— Está bem? O senhor acha que está bem?

O guarda resolveu fazer uma vistoria mais caprichada, e deu logo com várias outras irregularidades:

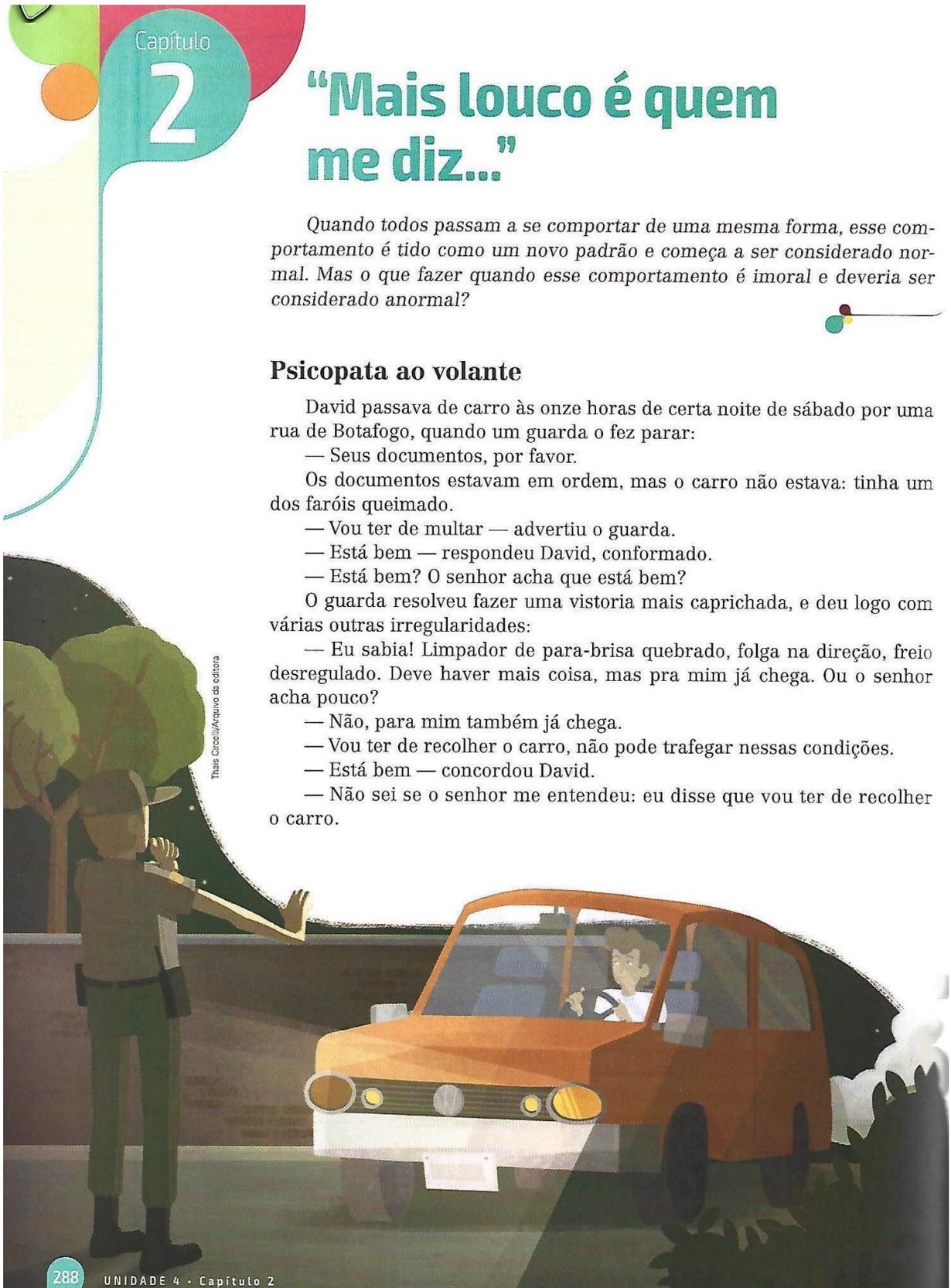
— Eu sabia! Limpador de para-brisa quebrado, folga na direção, freio desregulado. Deve haver mais coisa, mas pra mim já chega. Ou o senhor acha pouco?

— Não, para mim também já chega.

— Vou ter de recolher o carro, não pode trafegar nessas condições.

— Está bem — concordou David.

— Não sei se o senhor me entendeu: eu disse que vou ter de recolher o carro.



Crônica 7: Psicopata ao volante (continuação)

- Entendi sim: o senhor disse que vai ter de recolher o carro. E eu disse que está bem.
 — O senhor fica aí só dizendo que está bem.
 — Que é que o senhor queria que eu dissesse? Respeito sua autoridade.
 — Pois então vamos.
 — Está bem.

Ficaram parados, olhando um para o outro. O guarda, perplexo: será que ele não está entendendo? Qual é a sua, amizade? E David, impassível: pode desistir, velhinho, que de mim tu não vê a cor do burro de um tostão. E ali ficariam o resto da noite a se olhar em silêncio, a autoridade e o cidadão flagrado em delito, se o guarda enfim não se decidisse:

- O senhor quer que eu mande vir o reboque ou prefere levar o carro para o depósito o senhor mesmo?
 — O senhor é que manda.
 — Se quiser, pode levar o senhor mesmo.
 Sem se abalar, David pôs o motor em movimento:
 — Onde é o depósito?

O guarda contornou rapidamente o carro pela frente, indo sentar-se na boleia:

- Onde é o depósito... O senhor pensou que ia sozinho? Tinha graça! Lá foram os dois por Botafogo afora, a caminho do depósito.
 — O senhor não pode imaginar o aborrecimento que ainda vai ter por causa disso — o guarda dizia.
 — Pois é — David concordava: — Eu imagino.
 O guarda o olhava, cada vez mais intrigado:
 — Já pensou na aporrinhção que vai ter? A pé, logo numa noite de sábado. Vai ver que tinha aí o seu programinha para esta noite... E amanhã é domingo, só vai poder pensar em liberar o carro a partir de segunda-feira. Isto é, depois de pagar as multas todas...
 — É isso aí — e David o olhou, penalizado: — Estou pensando também no senhor, se aborrecendo por minha causa, perdendo tempo comigo numa noite de sábado, vai ver até que estava de folga hoje...
 — Pois então? — reanimado, o guarda farejou um entendimento: — Se o senhor quisesse, a gente podia dar um jeito... O senhor sabe, com boa vontade, tudo se arranja.

— É isso aí, tudo se arranja. Onde fica mesmo o depósito?
 O guarda não disse mais nada, a olhá-lo, fascinado. De repente ordenou [...]:

- Pare o carro! Eu salto aqui.
 David parou o carro e o guarda saltou, batendo a porta, que por pouco não se despregou das dobradiças. Antes de se afastar, porém, debruçou-se na janela e gritou:
 — O senhor é um psicopata!

(Fernando Sabino. *A falta que ela me faz*. Rio de Janeiro: Record, 1995. p. 94.)



Crônica 8: *Calma, gente*

Capítulo

3

O tempo na vida contemporânea

“Por seres tão inventivo / E pareceres contínuo / Tempo, tempo, tempo, tempo / És um dos deuses mais lindos / Tempo, tempo, tempo, tempo...”

Caetano Veloso

Calma, gente

Alguma coisa não vai bem entre mim e o tempo. Não o tempo de que tratam os filósofos, mas esse tempinho nosso de todo dia, medido em correrias, impaciências, tique-taques, calendários, reencontros (“Há quanto tempo!”), semáforos, luas cheias, aniversários, Natais e — ai — rugas. O tempo sobre o qual se conversa e no qual transitamos, transitórios.

Acontece que as pessoas têm pressa, e a pressa delas interfere no ritmo de outras. Na maioria das vezes, é uma agitação inútil e inexplicável. Tem gente que se assusta quando alguém propõe ir caminhando até um determinado lugar, perto: “A pé?!” Não é pelo esforço, pois até atletas de academia reagem com espanto. Essas pessoas não suportam é “perder” tempo percorrendo uma distância que, de carro, levaria quatro minutos.

Em parte, foi essa pretensão de poder comprimir o tempo que derrotou o cavalo como transporte urbano, depois o bonde, o ônibus e promoveu o automóvel, maravilha que transformamos em problema. Ao volante, o raciocínio é: eu tenho o comando, eu decido a velocidade, eu me torno senhor do tempo no espaço.

Ilusão.

Quem pôde teve a mesma ideia e engarrafou as cidades.

O tempo já foi elástico, esticava-se segundo a vontade de quem dispunha dele. Dê tempo ao tempo, diziam umas pessoas para as outras, ralentando-se.



312

UNIDADE 4 • Capítulo 3

Crônica 8: *Calma, gente* (continuação)

Calma, que o Brasil ainda é nosso! — bradava-se, como quem diz: enquanto o país for nosso, vamos devagar. Fazíamos do tempo coisa nossa, como o samba, o futebol e outras.

Leiam os romances antigos. Nenhum personagem diz para o outro: “Você tem um minuto?” Havia muito mais do que um minuto para uma conversa. Vejam um filme clássico. Com que paciência era construída uma situação que iria depois desaguar em outra. John Ford, por exemplo, tinha tempo para contar uma boa história e sabia que também o tínhamos para apreciá-la. Hoje, no cinema pós-Spielberg, muitas vezes nem percebemos o que aconteceu, tal a rapidez da montagem.

A vida on-line traz, em segundos, o mundo. As imagens de um bombardeio da grande potência contra o Iraque depauperado chegaram à casa das pessoas no momento em que estava acontecendo. Chamam a isso “tempo real”. Como se fosse irreal o tempo dos cinejornais da II Guerra Mundial, que mostravam com meses de atraso centenas de milhares de soldados mortos. O tempo real trouxe também a globalização dos dinheiros aventureiros, que em segundos dão a volta ao mundo rapando economias, confrontando desiguais, espalhando o desemprego.

O que se faz com o tempo ganho com a pressa? Lembra-me o poeminha do pernambucano Ascenso Ferreira ironizando o gaúcho, que, diz ele, “riscando os cavalos e tinindo as esporas sai de seus pagos em louca arrancada: — Para quê? — Para nada”. Talvez para nada os apressados buzinaem no trânsito, costuram, furam sinais; a pé, atropelam passantes nas ruas, empurram pessoas nas plataformas do metrô, impacientam-se com idosos, agridem garçons, trombam carrinhos de compras nos supermercados, reclamam do ritmo alheio. Entre a pressa e a falta de educação, a distância é curta.

É sábio um ditado russo que li citado pelo escritor Saul Bellow: “Quando estiver com pressa, vá devagar”. Mais ou menos é o que o historiador romano Suetônio, biógrafo dos césores, aconselhou ao imperador Adriano, 1900 anos atrás: “Apressa-te devagar”. Sem nunca ter lido Suetônio, era quase o que minha mãe dizia quando eu moleque disparava pelas ruas do bairro: “Corre devagar, menino!”

Suspeito que vem daí o meu descompasso com os apressados.

(Ivan Angelo. *Veja SP*, 10/9/2003.)



Fonte: Livro Português Linguagens 9, pg. 313